



COLEÇÃO ESTRELAS DA LITERATURA JUVENIL



RACHELLE DELANEY

Clara Vidente



Para a Taryn



Capítulo Um

A Clara Costa estava na Escola Básica de Kensington há apenas um mês, mas já tinha percebido a importância do Dia do *Blazer*. Todos os colaboradores do jornal da escola percebiam. Quando a Wesley Ferris, editora-chefe da *Gazeta da Escola Básica de Kensington*, aparecia na escola de *blazer*, significava que era para ser levada a sério.

Portanto, na tarde de terça-feira, quando se ouviu o último toque de saída, a Clara estava pronta. Tinha estado, durante toda a aula de Matemática, a observar o ponteiro do relógio a aproximar-se das 15h15. No instante em que ele lá chegou, a Clara fechou o livro com força, saltou da cadeira e correu para a reunião.

Infelizmente, era difícil chegar rapidamente a qualquer lugar na Escola Básica de Kensington, ou EBK, como os alunos lhe chamavam. A EBK era enorme — era facilmente três vezes maior do que a Escola Pública de High Park, onde a Clara tinha feito o 1.º ciclo — e sobrelotada com o que parecia ser trezentas vezes mais alunos (embora provavelmente só fossem dez vezes mais).

Estavam por todo o lado no átrio, arrastando-a consigo enquanto corriam em direção aos seus cacifos, rindo e gritando.

— Com licença. — Ela tentava abrir caminho através do átrio. — Hmm, posso passar? Tenho de...

Uma bola de basquetebol passou-lhe por cima da cabeça e bateu na parede. Alguns miúdos assustaram-se. Outros deram gargalhadas.

— Cuidado — avisou alguém. — Ela anda por aí, algures.

Toda a gente parou e olhou por cima do ombro, incluindo a Clara. Mas a Sra. Major, encarregada geral da EBK, não estava à vista. Aliviada, a Clara continuou a acelerar o passo, mas evitando começar a correr. A Regra Número Um da Sra. Major — ainda mais importante do que «Proibido Atirar Bolas de Básquete» — era «Proibido Correr nos Corredores». E à Sra. Major não se podia desobedecer. Ela era ainda mais intimidante do que a Wesley Ferris de *blazer*.

Mais à frente no corredor, do lado de fora do auditório, havia um grupo de alunos, a conversar animadamente. A Clara achou que tinha ouvido a voz da sua melhor amiga, a Maeve, entre as outras vozes, mas não podia parar para verificar; a sua reunião ia começar dentro de três minutos.

Virou subitamente à direita para o corredor que levava à sala de aula do Prof. Banerjee e quase esbarrou num grupo de alunas mais velhas que tiravam fotografias umas às outras com os seus telemóveis. Ou melhor, apercebeu-se assim que se desviou da frente delas que estavam todas a tirar fotografias a uma só miúda. Esta tinha o cabelo comprido e preto, aos caracóis, e usava um vestido que podia muito bem servir como toalha de praia.

— O-oh, esta está boa. — Uma das amigas da miúda mostrou-lhe o telemóvel. A miúda com o vestido-toalha olhou para a fotografia e franziu a testa.

— Cortaste-me os pés. Os sapatos são a parte mais importante. — Fez um gesto para as sandálias prateadas. — Tira outra — ordenou.

A Clara desviou-se para não aparecer na fotografia, e apressou-se, entrando de rompante na sala do Prof. Banerjee no instante em que o relógio marcava 15h20.

À hora certa.

— Clara. — A Wesley Ferris acenou-lhe da cabeceira da mesa, ao fundo da sala. — Vem sentar-te. Estamos mesmo a começar.

A Clara obedeceu. Porque era Dia do *Blazer*.

A Wesley Ferris não tinha só um *blazer* — tinha uma coleção inteira e cada um tinha as suas iniciais bordadas no bolso do peito.

— Dizem que ela os manda limpar a seco — murmurou a Lina Gagliano, quando a Clara se sentou numa cadeira ao lado da sua.

— Como? — A Clara virou-se para ela.

A Lina apontou com a cabeça para o *blazer* da Wesley e a Clara olhou de soslaio para a editora-chefe. Hoje, o seu *blazer* era de um branco impecável, sem mácula, nem sequer a mais pequena gota de sumo de uva ou pinga de *ketchup* (a t-shirt da Clara, por seu lado, tinha ambas). O seu cabelo loiro curto estava enrolado, muito certinho, à volta das pérolas que lhe pendiam das orelhas, alguns centímetros acima dos ombros.

— A sério? — sussurrou a Clara.

A Lina assentiu. Abriu o seu caderno e começou a desenhar o *blazer*. A Lina era a ilustradora da *Gazeta*.

A Clara abanou a cabeça, fascinada. Ela nem sequer sabia onde *encontrar* um sítio para uma limpeza a seco. E duvidava que mesmo a sua mãe soubesse. A mãe, Gaby Costa, não era definitivamente o tipo de pessoa que pusesse roupa a limpar a seco.

Já a avó da Clara, a Elaine, era (ou melhor, tinha sido) essa pessoa enquanto vivera em Toronto. A Elaine também era fã de *blazers*, especialmente em cores neutras como bege, cinza e castanho. A Clara ainda se lembrava de os ver, todos alinhados no armário, uniformemente espaçados e perfeitamente passados. Será que ela os tinha levado consigo para a residência sénior em West Palm Beach? A Clara ficou na dúvida. Tinha de lhe perguntar, na próxima vez que falassem.

— Muito bem, Gazeteiros, vamos começar — disse a Wesley, assim que os doze colaboradores do jornal chegaram. — Temos apenas cinquenta e sete minutos, e esta é uma reunião importante. Quero dizer, todas as reuniões são importantes — acrescentou —, mas esta é-o especialmente. Hoje vamos analisar a nossa primeira edição impressa.

A Wesley inclinou-se, pegou numa pasta (uma *pasta* a sério! A Lina abandonou o *blazer* e começou a desenhá-la) e tirou um monte de jornais.

— Uau — exclamaram os Gazeteiros.

— Acabaram de sair da gráfica! — A Wesley pousou-os na mesa.

A Lina estendeu a mão para pegar num exemplar, mas a Wesley afastou-a com uma palmada.

— Calma aí!

— Au! — queixou-se a Lina.

— Há algumas coisas que têm de saber primeiro. — A Wesley levantou um dedo. — Primeiro: a edição de outubro chega às bancas na sexta-feira de manhã, portanto tudo o que virem aqui hoje é ultrassecreto até lá. Perceberam? Não podem contar nem ao vosso melhor amigo.

Os Gazeteiros concordaram.

— Segundo — continuou a Wesley, alisando as lapelas do seu *blazer* branco impecável —, quero que vocês saibam como todo este processo se desenrola, especialmente vocês, Gazeteiros Caloiros. — Ela lançou um olhar intencional à Clara e aos poucos repórteres do 6.º ano que estavam na mesa e que só tinham entrado na *Gazeta* há três semanas, logo no início do ano letivo. — Depois de me terem enviado os vossos artigos todos na semana passada, eu comecei a trabalhar. Passei dois dias a editar sem descanso. Alguns dos artigos precisavam *mesmo* de ajustes.

A Clara engoliu em seco, esperando que o seu não fosse um deles. Estava a planear enviar o seu primeiro artigo à avó Elaine, em West Palm Beach, já que ela era uma grande fã do que a Wesley chamava «jornalismo investigativo de grande impacto». Não que o perfil do Clube de Tricô da EBK, escrito pela Clara, fosse exatamente impactante ou investigativo. Mas, ainda assim, sempre era um artigo impresso.

— Assim que acabei a edição, enviei os artigos para... — A Wesley calou-se quando a porta da sala de aula se abriu e o Prof. Banerjee entrou.

— Oh... Olá, meninos. — Pestanejou, como se não estivesse à espera de os encontrar na sua sala, apesar de

se reunirem ali duas vezes por semana (depois das aulas, às terças e às sextas-feiras ao meio-dia).

— Olá, Prof. Bê — disseram os Gazeteiros em coro, exceto a Wesley, que franziu a testa com aquela interrupção.

Sendo um dos professores de Inglês da EBK, o Prof. Bê fora sempre o responsável por supervisionar as reuniões da *Gazeta*. Mas, este ano, tinha passado o controlo total para a Wesley. De acordo com a Lina Gagliano, que estava no 7.º ano e parecia saber tudo sobre a EBK, havia duas razões para isso.

Primeiro, o Prof. Bê ia reformar-se no fim do ano e tinha deixado de se preocupar com as suas obrigações para com a *Gazeta*. Segundo, a Wesley tinha insistido que precisava da experiência de liderança para o seu currículo do ensino básico. De acordo com a Lina, a Wesley, no próximo ano, queria frequentar uma escola de ensino secundário especializada em Artes e com um conceituado programa de Jornalismo.

— Assim, poderá preparar-se a sério para a sua carreira como editora de jornal — tinha dito a Lina à Clara, revirando os olhos.

A Clara estremecera ao pensar naquilo. Não conseguia imaginar a Wesley a ficar ainda *mais* séria.

O Prof. Bê dirigiu-se à sua secretária e sentou-se ao lado do calendário, no qual contava os dias que faltavam para se reformar. Hoje, marcava 174.

— Como eu estava a dizer — continuou a Wesley —, assim que acabei de editar todos os artigos, enviei-os à equipa de produção para paginação. — Acenou com a cabeça a uns miúdos que estavam na outra ponta da mesa. — E, quando

ficámos satisfeitos com a versão final, enviei os ficheiros para a gráfica. — E começou a distribuir os jornais. Não havia exemplares suficientes para todos, por isso a Clara partilhou um com a Lina.

— A reportagem de capa ficou ótima — disse a Lizzie Park, uma jornalista do 7.º ano. Os Gazeteiros concordaram, e a Clara também, embora tenha sentido um pequeno aperto ao vê-la. Tinha desejado muito aquele artigo, que envolvia investigar se o atum na massada, servido na cantina, era realmente atum — na EBK, toda a gente suspeitava há que tempos que nem peixe era. Mas a Wesley entregara-o ao Ravi Kang, um jornalista do 8.º ano que, segundo ela, já tinha «provado que tinha unhas». A Clara tinha aprendido que aquilo era gíria jornalística e que queria dizer que alguém já provara que conseguia lidar com um tema difícil.

E o Ravi *tinha* feito um bom trabalho. Tinha desviado uma amostra da massada para ser analisada pela melhor peixaria de Kensington Market, que declarara que não era atum, mas arinca enlatada, disfarçada com camadas de maionese e *croutons* empapados. Agora, a manchete da primeira página exigia justiça — «Será Feita Justiça?» — e o artigo pedia à equipa da cantina que comesse a usar atum verdadeiro ou que mudasse o nome da massada.

— Verdadeiro jornalismo de investigação de grande impacto. — A Wesley acenou com a cabeça. — É disso que é feito o meu — quer dizer, o *nosso* — jornal. Lembrem-se disto, Gazeteiros: quero ver mais artigos como este.

A Clara suspirou baixinho. Ela sabia que podia escrever um artigo investigativo de grande impacto — se ao menos a Wesley lhe desse algum material com que trabalhar.

Abriram na segunda página, para ver a coluna «Instantâneos da Escola», do Preston Paisley, um fotógrafo do 7.º ano. Do outro lado da mesa, o Preston endireitou-se e começou a polir a lente da sua máquina, que, segundo a Lina, os pais lhe tinham dado de presente durante o verão. A Clara não percebia muito de máquinas fotográficas, mas tinha quase a certeza de que aquela custara mais do que tudo o que ela e a mãe possuíam juntas.

Na primeira reunião da *Gazeta* daquele ano, o Preston perguntara à Wesley se podia fazer uma série fotográfica com alunos da EBK que fizessem coisas fixes.

— Quero ser fotógrafo de celebridades quando crescer — explicou ele, levantando a máquina e tirando algumas fotografias aos Gazeteiros à volta da mesa. Depois, olhou para as imagens, fez uma careta e encolheu os ombros. — Temos de começar por algum lado.

— Quem é esta? — perguntou um jornalista chamado Matt, apontando para a fotografia de uma miúda com um casaco que parecia um cão pastor desgrenhado. A Clara reconheceu a miúda que tinha visto no corredor a caminho da reunião — a tal do vestido-toalha de praia.

— *Quem é esta?* — O Preston pestanejou para o Matt. — Como assim, *quem é esta?* É a Olivia Silva!

O Matt encolheu os ombros e abanou a cabeça. A Clara também não fazia ideia de quem era ela, mas não o admitiria em voz alta.

— Ela é provavelmente a miúda mais famosa da escola — disse o Preston. — É de certeza a mais famosa do 8.º ano.

— Tem o seu próprio canal no *YouTube*, chamado *EBK Fashionista* — acrescentou a Lina. — Faz vídeos sobre

tendências de moda e maquilhagem para malta do ensino básico. Tem muitos seguidores.

— Tem *imensos* seguidores — acrescentou o Preston, aproximando a máquina fotográfica ao olho. — E é uma ótima modelo também. É difícil encontrar boas modelos por aqui.

A Clara olhou para as fotografias do Preston. Não eram más, mas não havia nada de investigativo nelas. Se lhe tivessem dado esse tema, ela teria investigado quem é que tinha feito da Olivia Silva uma autoridade em moda do ensino básico. E também se algum cão pastor fora maltratado na confeção do casaco dela.

Guardou estas questões para si própria.

Depois do artigo do Preston, vinha o artigo da Lizzie Park sobre as próximas audições para a peça da escola. Em seguida, a secção de desporto, com notícias dos últimos jogos de basquetebol e futebol das equipas da EBK.

A Clara começava a perguntar-se se a Wesley se teria esquecido de incluir o seu próprio artigo quando o viu, apertado entre uma lista de pratos especiais de almoço, da cantina, e os anúncios, mesmo na última página do jornal.

Sentiu o estômago embrulhado ao ver aquilo.

Por que raio a Wesley insistira que a Clara fizesse um perfil do Clube de Tricô da escola, quando havia tantas histórias interessantes na EBK, era um mistério. Havia pouco a dizer sobre miúdos que tricotavam meias à hora do almoço e *definitivamente* nada que fosse investigativo.

Mas a Clara não desistira, porque, como a Wesley dizia sempre, «Gazeteiros Caloiros não podem ser exigentes». E, depois de passar três horas de almoço penosas com os tri-

coteiros, descobriu o que lhe pareceu ser uma boa história: de acordo com estudos científicos reais, algumas crianças prestavam mais atenção e concentravam-se melhor enquanto tricotavam. Portanto, o clube tinha feito um abaixo-assinado para que os professores deixassem os alunos tricotar durante as aulas.

«Tricoteiros Lutam Pelo Seu Direito a Dar Pontos!» declarava a manchete da Clara. Até tinha conseguido um trocadilho engraçado. Tinha ficado com esperança de que a Wesley gostasse.

Mas não teve essa sorte. Não só a Wesley escondera o artigo da Clara na última página, como também mudara a manchete, substituindo «Dar Pontos» por «Tricotar». E cortara dois parágrafos inteiros!

A Clara sentiu-se corar e empurrou o jornal para a Lina, começando a repensar o seu plano de o enviar à avó Elaine, em West Palm Beach. Se a Wesley não tinha gostado do seu artigo, a Elaine provavelmente também não gostaria.

Antes de se reformar do lugar de Especialista em Estatística do governo, a avó Elaine costumava começar cada dia da mesma maneira: com torradas secas, café simples e o jornal *Toronto Times*. A Clara sentava-se à sua frente e a Elaine lia-lhe as últimas notícias — mas só os artigos que apresentavam factos concretos e objetivos. A Elaine não era apreciadora de, digamos, artes e entretenimento.

Às vezes, a mãe da Clara, a Gaby, também ouvia enquanto preparava o seu *Smoothie* Diário Súper Calmante de Lavanda. Mas a Gaby só se interessava mesmo pelos horóscopos, o que fazia a Elaine revirar os olhos. O que, por sua vez, fazia a Gaby sussurrar à Clara:

— Ela é tão do signo Virgem.

Era nesse ponto que a Clara geralmente saía da sala.

Não, decidiu ela enquanto os Gazeteiros devolviam os jornais à editora-chefe, que os guardou de novo na pasta, *esta não é a edição que vou enviar à avó.*

Tinha esperança de que a edição de novembro fosse melhor. Tinha esperança de que, na próxima vez, a Wesley considerasse que ela «já tinha unhas» e lhe desse um artigo investigativo de grande impacto.

Cruzou os dedos, desejando que fosse assim que as coisas funcionassem na *Gazeta* da Escola de Kensington.



Capítulo Dois

— Caramba, Clara, a peça parece INCRÍVEL. — A Maeve Healy-Lin agarrou o braço da Clara e apertou-o com força.

— Au! — A Clara fez uma careta. Para alguém do tamanho de uma pequena fada, a Maeve tinha uma força surpreendente.

— Desculpa. — A Maeve largou-a. — Mas estou tão entusiasmada! — Pararam na berma da Dundas Street e esperaram que um elétrico passasse para atravessarem, ao lado de pessoas carregadas de sacos de compras e de outros miúdos que tinham acabado de sair da escola. Era uma tarde perfeita de outubro — soalheira e amena —, o que não combinava muito com a disposição da Clara, embora ela tentasse ao máximo esquecer a reunião da *Gazeta*.

— A Prof.^a Flynn tinha planeado fazer de novo a *Branca de Neve* este ano, o que teria sido um tédio total — disse a Maeve, saltando por cima de um bando de pombos na calçada. — Mas, à última da hora, mudou de ideias e optou por... ouve só isto... — e baixou a voz num sussurro —, *O Sétimo Sapatinho: Um Mistério de Morris Mumford*. Já ouviste falar?

— Quem, o Morris Mumford do programa *A Hora do Mistério de Morris Mumford*? — perguntou a Clara, desviando-se de um carrinho de bebé. — Claro que já ouvi falar. — Na verdade, costumava ver o programa com a avó Elaine, todos os domingos à noite, às oito horas em ponto. A Elaine era fã do detetive Morris Mumford.

— A sério? Que bom! — exclamou a Maeve. — Eu só vi alguns episódios, mas, para ser sincera, não gostei muito.

— Não? — perguntou a Clara, embora não estivesse realmente surpreendida.

A Maeve abanou a cabeça.

— Eram muito... muito... — cofiou um bigode imaginário de Morris Mumford — ... *civilizados*.

A Clara assentiu. Era exatamente por isso que a Elaine gostava do detetive Mumford — isso e o facto de ele resolver todos os seus mistérios, usando apenas os dotes de lógica e análise. Já a Maeve preferia mistérios que envolvessem assassinos em série, perseguições de carro e casas assombradas. Afirmava que já tinha visto quase todas as séries policiais alguma vez feitas e a Clara acreditava nisso.

— Enfim — continuou a Maeve, enquanto iam caminhando pelo passeio —, a princípio pensei em fazer a audição para um dos papéis mais pequenos, como o da empregada que aparece envenenada na biblioteca.

Cruzou os braços sobre o peito e fez a sua melhor imitação de uma empregada morta.

— Boa — comentou a Clara.

— Obrigada. — A Maeve regressou ao seu estado vivo e normal. — Mas então lembrei-me daquela coisa que a tua mãe gosta de dizer.

A Clara ergueu uma sobrancelha.

— Que coisa?

A Maeve abriu os braços.

— Segue a tua felicidade! — exclamou. — E acho que a minha felicidade está em interpretar o papel principal: o próprio detetive Morris Mumford! Eu sei que é só a minha primeira audição, mas pensei, porque não?

— Porque não? — concordou a Clara, esforçando-se por sorrir.

— Vamos seguir a nossa felicidade! — Era o que a mãe declarara em junho, alguns dias depois de a avó Elaine anunciar que ia reformar-se e mudar-se para West Palm Beach, na Flórida.

A Clara e a Gaby tinham ficado atordoadas; viviam com a Elaine desde que a Clara nascera e ela nunca tinha referido a possibilidade de querer reformar-se, muito menos de se mudar para a Flórida.

Assim que recuperaram do choque, a Clara e a mãe debruçaram-se sobre questões práticas, como a de onde iriam morar. A Clara julgara que podiam ficar no pequeno *duplex* da Elaine em High Park, a única casa que tinha conhecido. Não andaria tão limpa e organizada como andava com a avó, mas elas haviam de se orientar. A Gaby tinha acabado de terminar o seu curso de Fitoterapia e andava à procura de emprego, portanto, pelo menos, não passariam fome.

A mãe, no entanto, tinha outros planos.

— É altura de seguirmos o nosso próprio destino, Cê — disse-lhe a mãe. — Vamos trilhar o nosso próprio caminho! Vamos seguir a nossa felicidade!

— Seguir a nossa felicidade? — A Clara teve um mau pressentimento acerca daquilo. Ela amava a mãe, mas os seus conceitos de felicidade eram muito diferentes, embora não tão diferentes quanto os da Elaine e os da Gaby. A mãe vivia para aventuras improvisadas, enquanto a Elaine tinha alergia a surpresas. A Gaby adorava conhecer pessoas novas; a Elaine recusava-se a atender a porta se não conhecesse quem estava a tocar à campainha (e, às vezes, até mesmo quando conhecia).

A Clara sentia-se algures no meio. Gostava das aventuras improvisadas da mãe, como daquela vez em que alugaram um carro e foram acampar em Long Beach (mas esqueceram-se do fogão de campismo e acabaram por jantar numa geladaria durante dois dias). Mas também gostava de voltar para o *duplex* limpo e organizado da Elaine — já para não falar no frigorífico bem abastecido. Às vezes, sentia que voltar para casa era a melhor parte de uma aventura.

— Sim. — A mãe confirmou com firmeza. — Vamos seguir a nossa felicidade. E sabes onde mora a nossa felicidade?

A Clara não tinha a certeza de querer saber.

— Em Kensington Market!

Era isso que a Clara temia. Kensington Market ficava a meia hora de viagem — de metro e *depois* de elétrico — de High Park. Mas bem podia ser noutro país.

— Não podemos simplesmente ficar aqui? — perguntou a Clara, tentando manter a calma perante aquela notícia desastrosa. — Podíamos tentar comprar o apartamento à avó Elaine. Assim não precisávamos de nos mudar. Lembra-te de como *odeias* mudanças?

A Gaby abanou a cabeça.

— Não temos dinheiro para comprar isto. A Elaine vai pô-lo à venda na próxima semana. Não te preocupes com a mudança — também não temos muita coisa. Vai ser tão divertido começar uma vida nova, só nós as duas!

Divertido não era a palavra que a Clara escolheria para descrever o início de uma nova vida com a mãe em Kensington Market.

A Maeve ainda continuava a falar sobre a peça quando viraram na Kensington Avenue, e a Clara tentou concentrar-se novamente e ignorar o nó que sentia a formar-se na garganta. Geralmente, esse nó aparecia nesse ponto do caminho para casa, quando entravam na zona do Mercado e, de repente, o sol parecia mais quente e os ruídos mais altos e High Park, com as suas ruas tranquilas e arborizadas, parecia demasiado distante.

— O problema é que há uma série de miúdos a fazer a audição — dizia a Maeve. — Devias ter visto o auditório hoje: estava sobrelotado. E alguns deles até têm verdadeira experiência de representação, Clara. — Estendeu de novo a mão para o braço da Clara, mas esta retirou-o a tempo. — Alguns já *apareceram na televisão*.

— A sério?

— A sério. Uma miúda do 8.º ano, Emma qualquer coisa, entrou num anúncio de um detergente de roupa! Sabes, aquele com muitos gatinhos?

A Clara abanou a cabeça. Ela e a mãe não tinham televisão na casa nova.

— Se o visses, sabias logo — garantiu a Maeve. — E há o Jin — ele apresenta a sua própria série online sobre

dinossauros. De certeza que ele vai querer ser o detetive Mumford. — Suspirou. — Como posso competir?

— Podes competir porque tens um talento de nascença — disse a Clara. E não estava a dizê-lo só por serem melhores amigas. A Maeve nascera literalmente para estar no palco: a sua mãe tinha sido atriz de teatro em Londres, na Inglaterra, antes de se mudar para Toronto de forma a dar aulas de teatro na universidade. Embora ainda nunca tivesse participado em nenhuma peça, a Maeve já via peças antes de ter aprendido a andar. Ia arrasar nesta audição. A Clara tinha a certeza disso.

— *E* uma das miúdas é modelo! — disse a Maeve, ao passarem pela velha casa lilás que vendia roupa em segunda mão, como as saias esvoaçantes preferidas da Gaby. Tinha pelo menos uma dúzia, estampadas com coisas como elefantes, arco-íris e constelações.

— É a Olivia Silva? — perguntou a Clara, lembrando-se da coluna «Instantâneos da Escola» e do casaco de pelo de cão pastor.

— A *EBK Fashionista*? — A Maeve riu-se. — Não, essa não sabe nada de representação. Já viste os vídeos dela?

A Clara abanou a cabeça. Embora a Maeve também estivesse no 6.º ano, conhecia imensos miúdos na EBK, pois tinham estudado numa escola do 1.º ciclo próxima.

Desde que se tinham conhecido, no segundo dia de aulas, a Maeve tentava pôr a Clara a par das situações: quem era amigo de quem, quem não suportava quem, quem tinha muitos seguidores nas redes sociais e quem pensava que tinha. Mas a Clara ainda se sentia assoberbada com tudo aquilo.

— Não perdes nada — garantiu a Maeve. Então parou, pôs a mão na cintura e fez biquinho com a boca. — Hoje estou com um vestido que fiz esta manhã, com a capa de almofada sobre a qual dormi ontem à noite — disse. — Não custa nada quando se nasce com vocação para o estilo. E vejam só os meus sapatos.

A Clara riu-se. A imitação da Maeve era perfeita.

— Vai sair um perfil dela na *Gazeta* de outubro — disse.

Assim que estas palavras lhe saíram da boca, lembrou-se do aviso da Wesley para não falar sobre o jornal: *Não podem contar nem ao vosso melhor amigo*.

Mas será que isso interessava mesmo?, perguntou-se a Clara. Estavam a fazer um jornal do ensino básico — não o *Toronto Times*. E também não deviam as melhores amigas contar tudo uma à outra? Não tinha bem a certeza, já que nunca tinha tido uma antes da Maeve. Mas parecia fazer sentido.

— Era para ser segredo absoluto — acrescentou. — Prometes que não contas?

— Oh, com certeza! — A Maeve cruzou os dedos sobre os lábios. — Sou ótima a guardar segredos, Clara. Uma vez, no 3.º ano, a Bianca Esposito estava muito *aflitinha* e não conseguiu chegar a tempo à casa de banho e, bom, percebes. Mas eu ajudei-a a esconder o facto com uma camisola atada à cintura, e jurei que não contava a ninguém — que levaria aquele segredo para o túmulo! Bom, até agora, parece — acrescentou a Maeve. — Ei, não contes à Bianca, pode ser?

— Não sei quem é a Bianca — respondeu a Clara.

— Melhor assim — disse a Maeve entre risos. Continuaram em direção ao Mercado.

— Então, e viste o teu artigo impresso? — perguntou a Maeve, ao passarem por uma casa verde-limão que tinha sido transformada em loja de antiguidades e uma casa verde-ervilha que vendia livros usados. — Foi muito emocionante? Estou ansiosa por vê-lo. Vou comprar uns dezasseis exemplares!

— Oh. — A Clara franziu a testa. — Hmm, não vale a pena. A Wesley alterou um monte de coisas no artigo. Já não está assim tão bom.

— Aposto que está melhor do que tu pensas — disse a Maeve. — De qualquer forma, atribuiu-te um tema chato. Da próxima vez, de certeza, que vai dar-te um melhor.

— Espero que sim. — A Clara suspirou.

— Vai sim — reforçou a Maeve. — Ela tem de te deixar provar que tens dedos.

— Queres dizer «unhas» — corrigiu a Clara.

— Dedos, unhas. — A Maeve encolheu os ombros. — Ei, olha o chapéu daquele tipo! — Apontou para o outro lado da rua.

A Clara olhou. No passeio paralelo ao delas, um jovem caminhava a passos largos, com sacos de compras em ambas as mãos e uma cartola na cabeça. Não era algo totalmente incomum em Kensington Market; nos últimos meses, a Clara tinha visto muita gente com trajes incomuns, incluindo várias *leggings* às riscas fluorescentes e óculos de sol em forma de estrela. Uma vez, até tinha visto alguém de capa.

— Não fiques a olhar. — Puxou a manga da Maeve.

— E se perguntássemos onde ele o comprou?

— Não! — exclamou a Clara. — Estás a brincar?

— Oh, então — disse a Maeve, vendo o rapaz afastar-se. — Podia ser um bom chapéu de detetive. Podia usá-lo na minha audição. — Mas deixou que a Clara a puxasse. — Adoro o Mercado — afirmou ela ao passarem pela loja de queijos que, segundo o anúncio, vendia vinte e dois tipos de *gouda*! — Tens tanta sorte em morar aqui.

— Trocava contigo sem hesitar — disse a Clara. A Maeve morava à saída do mercado, num prédio bonito de tijolo, de três andares. Ficava a apenas quinze minutos a pé do apartamento da Clara e da Gaby, mas parecia que era nou-
tro continente.

A Maeve pareceu não ouvir.

— Olha só. — Apontou para um anúncio na montra de uma loja. — Leitura de tarô. Quinze minutos por dez dólares! — leu. — Queres entrar?

— Não. — A Clara continuou a puxá-la. Ir a pé para casa com a Maeve demorava sempre cinco vezes mais do que devia.

— Mas as cartas de tarô dizem-te o futuro! Não queres saber o teu futuro?

— Não — disse a Clara outra vez. Só queria ir para casa, fechar bem a porta e deixar o Mercado para trás naquele dia.

Talvez a avó Elaine estivesse livre; parecia que tinha passado uma eternidade desde a última vez que tinham falado ao telefone.

— Espera aí, não gostas que te leiam a sorte? — A Maeve parou bruscamente mais uma vez. — Não queres saber o que o futuro te reserva? Talvez a leitura do tarô te dissesse se vais ser uma boa jornalista! Quero dizer, é claro que vais — acrescentou à pressa. — Totalmente. Mas não queres ter a certeza?

A Clara revirou os olhos.

— Essas coisas não são reais. É tudo lérias.

— É o quê?

— Lérias — repetiu a Clara. — Tu sabes.

A Maeve abanou a cabeça.

— São lérias! — A Clara acenou com as mãos para o céu, como a Elaine costumava fazer quando dizia aquilo.

A Maeve também acenou com as mãos para o céu.

— Lérias?

— Tu sabes! — A Clara já estava a ficar impaciente. — Adivinhação, magia, bruxaria. É tudo lérias. Não é real.

— Lérias — repetiu a Maeve. E depois riu-se. — Lérias!

— Acenou com as mãos para o céu outra vez. — Adorei! É uma palavra da Wesley Ferris?

A Clara abanou a cabeça.

— A Elaine é que costumava dizer isto. A minha avó — acrescentou, caso a Maeve se tivesse esquecido.

«A Capital das Lérias de Toronto» — era assim que a Elaine chamava a Kensington Market. Era o bairro de que ela menos gostava de toda a cidade. Quando a Clara era pequena, a mãe costumava levá-la em passeios matinais de sábado ao mercado, à procura de produtos baratos, livros usados e das suas saias esvoaçantes e estampadas. A Elaine nunca queria ir com elas e, quando voltavam, insistia em inspecionar tudo o que tinham comprado. Porque Kensington Market, segundo a Elaine, também era a Capital dos Percevejos de Toronto.

A Maeve deu uma gargalhada.

— Quem me dera tê-la conhecido antes de ela se mudar.

A Clara fez que sim com a cabeça, embora secretamente achasse que era melhor assim. A avó Elaine tinha-a sempre

desencorajado de convidar até mesmo as suas amigas mais sossegadas e arranjadas para brincar. A Maeve não teria hipótese nenhuma com ela.

— Vamos visitá-la um dia — sugeriu a Maeve, ao passarem pela loja de massas que tocava as mesmas três canções de Frank Sinatra durante todo o dia. Começou a sapatear no passeio. — Quero dizer, quando formos suficientemente grandes para viajar sozinhas. Vamos apanhar um avião para West Palm Beach e surfar e... beber *cocktails* com sombrinhas! Caramba, Clara, vai ser tão divertido! — Ela girou na ponta dos pés.

A Clara concordou, parecia mesmo divertido. Mas a ideia de ter de esperar até ser crescida para visitar a avó Elaine dava-lhe uma dor no peito.

— Vamos — disse, puxando outra vez a Maeve.

Parou quando finalmente chegaram aos degraus tortos da Ervanária Bem-Estar.

— Bom, até ama...

— Não tenho de ir já para casa — disse a Maeve muito depressa. — Posso entrar e ficar um pouco.

— Oh. — A Clara olhou para dentro da loja. Os cristais de energia que a mãe tinha pendurado na montra brilhavam à luz do sol. — Hmm, não sei...

— Sei eu. Adoro a loja da tua mãe. O-oh, talvez ela nos faça aquele chá de calêndula outra vez. Lembras-te? Aquele que aumenta os poderes psíquicos?

— Ah, lembro-me. — A Clara suspirou. Era exatamente esse tipo de situação que queria evitar.

— Vamos. — A Maeve empurrou-a em direção aos degraus.

A Clara hesitou por mais um momento, perguntando-se se recusar seria uma má atitude de melhor amiga. Também tinha muito a aprender sobre isso. Ela tivera amigas na Escola Pública de High Park, é claro, mas era difícil chegar ao nível de melhores amigas quando a avó não as deixava entrar em casa. *Nesse sentido*, pensou ela, *a minha nova vida é uma melhoria*. Mas ainda preferiria a sua antiga vida a...

— Cla-raaa, anda lá. — A Maeve fingiu ressonar.

— Pronto, pronto. — A Clara suspirou. Depois, virou-se, preparou-se e subiu os degraus para a Ervanária Bem-Estar.



**Livros que te surpreendem pela história,
que te atraem pela imagem,
que te conquistam pela mensagem,
que se distinguem como estrelas brilhantes.**

LIVROS QUE FICAM PARA SEMPRE CONTIGO



**«A vida, pelos vistos, era cheia de surpresas.
E as pessoas podiam mudar. Tudo podia mudar.
O que era assustador. Mas também um pouco emocionante.»**

A Clara só quer ter uma vida normal. No entanto, desde que se mudou com a mãe para um bairro movimentado e alternativo em Toronto, parece que tudo ficou ainda mais caótico. Enquanto a mãe mergulha no excêntrico mundo do misticismo, ela tenta dar o seu melhor no jornal da escola e realizar o seu grande sonho de se tornar uma jornalista.

Mas, em vez de redigir artigos sérios, é obrigada a escrever os horóscopos. E tudo piora quando as suas previsões começam inexplicavelmente a tornar-se realidade e todos acreditam que a Clara tem mesmo poderes de vidente.

Quando a mascote da escola desaparece, tem a oportunidade perfeita para provar o seu talento jornalístico. Entre amizades inesperadas, segredos, confusões hilariantes e um toque de mistério, a Clara vai descobrir que, às vezes, o inesperado pode levar-nos exatamente ao lugar onde pertencemos.

**Um livro premiado, com uma história cheia de humor
e emoção e de personagens carismáticas e inesquecíveis.**



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Literatura Juvenil

www.penguinlivros.pt

penguinkidspt

11+

ISBN: 978-989-596-042-2



9 789895 960422